



# Representações dos profissionais da educação acerca do fonoaudiólogo educacional

## Representations of educational professionals for speech-language and hearing sciences practice in schools

## Representación de los profesionales de educación sobre el fonoaudiólogo educacional

*Luciana Figueiredo\**

*Ivonaldo Leidson Barbosa Lima\**

*Hosana Silmara Eleuterio Silva\*\**

### **Resumo**

A atuação fonoaudiológica educacional surgiu no início do século XX e passou por mudanças conceituais e práticas ao longo do tempo. Atualmente, tenta-se fortalecer práticas voltadas à promoção da saúde e busca da integralidade do cuidado na rede escolar, reduzindo perspectivas centradas em ações preventistas e curativas. Desse modo, este trabalho objetivou analisar as representações de profissionais da Educação acerca da atuação do fonoaudiólogo educacional. Esta pesquisa foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de origem. Ela se caracteriza como qualitativa, longitudinal e etnográfica, na qual a coleta de dados foi realizada a partir da observação participante, entrevistas e escrita no diário de campo. Após a análise dos diários de campo, pode-se observar que o fonoaudiólogo educacional, para os profissionais da educação pesquisados, é considerado como o responsável pelo tratamento de estudantes com necessidades especiais e com distúrbios de aprendizagem na escola.

**Palavras-chave:** Fonoaudiologia; Educação; Saúde escolar.

\*Centro Universitário de João Pessoa, João Pessoa, Paraíba, Brasil.

\*\*Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil.

### **Contribuição dos autores:**

LF: Orientação da pesquisa, coleta e análise dos dados.

ILBL: Análise dos dados e preparo do manuscrito para publicação.

HSES: Pesquisa bibliográfica, coleta e análise dos dados

**E-mail para correspondência:** Luciana Cabral Figueiredo - lucianaacf@hotmail.com

**Recebido:** 21/03/2017

**Aprovado:** 08/12/17



## Abstract

The speech-language and hearing sciences practice in schools emerged at the beginning of the 20th century and underwent conceptual and practical changes over time. Currently, efforts are being made to strengthen practices aimed at health promotion and the search for integral care in the school network, reducing perspectives focused on preventive and curative actions. In this way, this work aimed to analyze the representations of professionals of education about the performance of the speech-language and hearing sciences practice in schools. This research was evaluated and approved by the Research Ethics Committee of the institution of origin. It is characterized as qualitative, longitudinal and ethnographic, in which the data collection was carried out from participant observation, interviews and writing in the field diary. After the analysis of the field diaries, it can be observed that the speech-language and hearing sciences practice in schools for the professionals of education is considered to be responsible for the treatment of students with special needs and with learning disorders in the school.

**Keywords:** Speech, Language and Hearing Sciences; Education; School health.

## Resumén

La acción de la fonoaudiología en las escuelas surgió a principios del siglo XX y ha sido objeto de cambios conceptuales y prácticos a través del tiempo. En la actualidad, se intenta fortalecer las prácticas destinadas a promover la salud y la búsqueda de la atención integral para la red escolar, reduciendo las perspectivas centradas en acciones preventivas y curativas. Siendo así, este estudio tuvo como objetivo analizar las representaciones de profesionales de la Educación sobre la actuación del fonoaudiólogo educacional. Este estudio fue evaluado y aprobado por el Comité de Ética de la institución de origen. Se caracteriza por ser cualitativo, etnográfico y longitudinal, en el que la recogida de datos se realizó a partir de la observación participante, entrevistas y la escritura en el diario de campo. Tras el análisis de los diarios de campo, se pudo observar que el fonoaudiólogo educacional, para los profesionales de la educación encuestados es considerado como el responsable por el tratamiento de estudiantes con necesidades especiales y con dificultades de aprendizaje en la escuela.

**Palabras claves:** Fonoaudiología; Educación; Salud Escolar.

## Introdução

Desde antes mesmo de ser reconhecida como ciência, a Fonoaudiologia vem atuando junto às instituições educacionais. Na década de 20, as práticas relacionadas a esta profissão surgiram fortemente embasadas e agregadas às propostas de saúde escolar, principalmente, com o intuito de identificar e tratar os desvios da língua padrão, garantindo assim a uniformidade da considerada língua pátria<sup>1</sup>. De acordo com a Publicação do Conselho Regional de Fonoaudiologia – 2ª região, “Fonoaudiologia na Educação: Políticas públicas e atuação do Fonoaudiólogo”, devido ao contexto político e social que na época era vivenciado no país, a escola foi eleita como o local onde as diferenças linguísticas – e outras – deveriam ser minimizadas e, se possível apagadas. Com este objetivo, surge a necessidade de um profissional que fosse

responsável pela identificação, diagnóstico e tratamento dos desvios da língua e esta necessidade deu origem ao fonoaudiólogo – inicialmente chamado de logopedista ou terapeuta da fala - que se inseriu na escola com foco na detecção dos distúrbios da comunicação<sup>2</sup>.

Considerando as necessidades descritas acima, os cursos de Fonoaudiologia foram instituídos no Brasil na década de 60<sup>2</sup>, a partir de um modelo médico-centrado, que dedica grande parte da formação do profissional à identificação, avaliação e tratamento de diferentes distúrbios da comunicação, sem enfatizar as condições, realidades e justificativas pelas quais tais distúrbios se instalaram, e, quando o fazem, utilizam como prerrogativa a prevenção de tais distúrbios, isolados de todo o contexto sócio-cultural dos sujeitos. É necessário chamar atenção ainda para o fato de que tanto o anseio pela preservação da identidade linguística do Português, a valorização de uma variedade

padrão dessa língua, quanto à busca pela identificação, diagnóstico e tratamento dos desvios na comunicação, revelam que desde o surgimento das práticas em Fonoaudiologia, esta profissão possui um caráter e objetivos essencializadores e patologizantes, voltados para o curativismo e a busca por um padrão “ideal”. Estes objetivos acabaram por localizar e enraizar a Fonoaudiologia na clínica, com ênfase, principalmente, no fazer individual e clínico.

No entanto, é preciso lembrar que foi também utilizando tais objetivos que o fonoaudiólogo elegu [novamente, dessa vez após a institucionalização da profissão] a escola como um de seus campos de atuação. Nesse sentido, as práticas fonoaudiológicas em escolas, geralmente se baseavam – e ainda baseiam – na identificação de distúrbios ou “fatores de risco” para o desenvolvimento de patologias da comunicação, que pudessem vir atrapalhar a aprendizagem do aluno. Assim, a atuação do fonoaudiólogo educacional, muitas vezes acabava reduzida a realização de triagens com os estudantes e palestras voltadas aos pais e/ou professores que tivessem como tema central patologias que acometessem a comunicação, e conseqüentemente, a aprendizagem das crianças – que nessa visão, na grande maioria das vezes, era o público alvo do fonoaudiólogo.

A necessidade de legitimar tais práticas, bem como normatizar a atuação fonoaudiológica em escolas, deu origem à resolução número 309, de 01 de abril de 2005, que dispõe sobre a atuação do fonoaudiólogo na Educação<sup>3</sup>. Pode-se considerar que esta resolução, apesar de vedar o atendimento clínico fonoaudiológico dentro da escola – salvo em casos e escolas especiais, no contra-turno – ainda é norteada por um forte caráter clínico, à medida que enfatiza a atuação fonoaudiológica na identificação dos distúrbios de voz, motricidade oral, linguagem (oral e escrita) e audição e orienta a realização de ações que estabelecem, via de regra, uma relação verticalizada entre saúde e educação, na qual o saber médico se sobressai aos demais saberes.

No entanto, apesar desta visão ainda hoje ser facilmente encontrada entre os fonoaudiólogos que atuam na educação, é importante frisar que a partir da realização das conferências internacionais teve início a divulgação da noção de saúde como processo dinâmico, perpassado pelos aspectos sócio-históricos como determinantes para a melhor qualidade de vida, sob a influência de um maior

fortalecimento do pensamento dialético-marxista, no âmbito da Saúde.

A partir da divulgação da Carta de Ottawa<sup>4</sup> de 1986, a promoção da saúde passou a ser interpretada de forma mais ampla, transcendendo a idéia de que a mesma constituía apenas parte do processo de prevenção de doenças e agravos, passando a sugerir abordagens educativas que permitem ao sujeito a tomada de consciência a respeito da necessidade de sua participação nesse processo, em busca de melhor qualidade de vida<sup>5,6</sup>. Por meio desse novo paradigma de promoção da saúde, a questão social, antes compreendida de forma restrita, passou a ser relacionada aos determinantes históricos, culturais, políticos e econômicos.

O entendimento de promoção da saúde como prática social determinou, portanto, o deslocamento de um modelo preventivista para um modelo de atenção integral à saúde. Tal deslocamento representou uma revolução conceitual que possibilitou a interpretação da escola, como instituição, não mais como um local de adequação e controle à norma, mas como um ambiente saudável, espaço de produção de conhecimentos e práticas em prol da melhor qualidade de vida e da redução das desigualdades sociais<sup>4,7</sup>.

Tal entendimento possibilitou, dentre outros aspectos, a ampliação das ações realizadas pelo fonoaudiólogo nas escolas. Cabe aqui destacar a publicação da resolução número 387 de 2010, pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia<sup>8</sup>, que além de instituir a Fonoaudiologia Educacional como uma especialidade da Fonoaudiologia, também dispõe a respeito da atuação desse profissional, considerando, entre outros aspectos as Diretrizes Curriculares Nacionais e os avanços ocorridos na área.

Pode-se considerar que houve uma ampliação das possibilidades de práticas fonoaudiológicas junto à Educação, à medida que esta resolução tende a considerar o fonoaudiólogo não mais como alguém de fora que realiza práticas na escola, e sim como um profissional que pode fazer parte da equipe escolar, o que, de certa maneira horizontaliza a relação antes verticalizada. Ou seja, o fonoaudiólogo pode e deve sair da tradicional posição de detentor do saber, responsável pela ‘cura’ dos problemas relacionados à aprendizagem e assumir um lugar de parceiro e membro constituinte das instituições educacionais, compartilhando experiências e saberes e possibilitando a execuções de praticas que possibilitem o desenvolvimento da aprendizagem

de acordo com a realidade encontrada em cada uma dessas instituições. Ressalta-se, portanto, a importância do trabalho fonoaudiológico ser realizado em parceria e consonância com o planejamento educacional, do qual deve participar, e com as políticas públicas de educação. A resolução prevê ainda a participação no processo de diagnóstico institucional ou realização do mesmo pelo fonoaudiólogo. Esta ação permite que a atuação do fonoaudiólogo se baseie nas reais necessidades, dificuldades e potencialidades de cada escola, sem a necessidade de que haja uma normatização do trabalho deste profissional, como previa a resolução anterior<sup>9</sup>.

Portanto, cabe afirmar que nos últimos anos, a relação entre a Fonoaudiologia e a Educação está sendo alvo de discussões que abordam as diversas concepções de sujeito, de linguagem e de saúde, que embasam a atuação fonoaudiológica na escola, e as mais variadas possibilidades de objetivos e ações no contexto educacional.

Atualmente, dentre as principais concepções e objetivos de atuação do fonoaudiólogo na escola, destacam-se o modelo preventivista, caracterizado por dicotomizar a relação entre Saúde e Educação e que, em geral, considera a escola como uma entidade responsável pelo ensino da língua escrita em sua variante padrão, assumindo como objetivo do fonoaudiólogo no ambiente educacional a adoção de práticas preventivas, de identificação das alterações de fala e escrita e implementação de medidas normativas, incluindo a capacitação dos professores. E, o modelo de atenção integral à saúde, que concebe a escola como uma agência social responsável pela alfabetização e letramento, que contribui com a inserção e participação da criança em uma sociedade letrada; ressalta um trabalho conjunto, sem segregação ou hierarquização, da saúde e educação, no sentido de favorecer o acesso à linguagem e ao letramento, bem como o protagonismo social, cooperando para o desenvolvimento de todo o contexto educacional<sup>9,10</sup>.

Portanto, por mais que as discussões em relação às abordagens fonoaudiológicas na escola tenham evoluído desde o surgimento da Fonoaudiologia no Brasil, ainda é comum os profissionais irem para a escola desenvolver práticas de identificação e tratamento dos distúrbios da comunicação. É importante destacar ainda que a maior parte dos estudos da área da Fonoaudiologia que são voltados aos professores objetiva descrever o conhecimento e a capacidade que os professores possuem para

identificar os distúrbios da comunicação das crianças. E, mesmo após a regulamentação da especialidade Fonoaudiologia Educacional, as produções da fonoaudiologia na escola apresentam uma natureza fortemente influenciada pela patologização. Isso pode ser observado, por exemplo, nos estudos que tentam comparar o desempenho linguístico de crianças com e sem «distúrbios de aprendizagem». Neles, há a tentativa de justificar o baixo rendimento de crianças por características, problemas individuais. Da mesma forma, os estudos com os professores focam na identificação das alterações individuais dos escolares<sup>11</sup>.

Assim, o presente estudo surge com o objetivo de analisar as representações de profissionais da Educação acerca da atuação do fonoaudiólogo educacional, bem como discutir a atuação desse profissional em uma escola da rede pública de ensino de uma capital do nordeste brasileiro.

## Descrição

Esta pesquisa é parte do estudo que resultou na tese de doutorado intitulada “O outro na escola: algumas representações a respeito das diferenças”, defendida no Programa de doutorado em Linguística Aplicada da UNICAMP. Foi aprovada pelo CEP do CCS-UEPB sob o parecer número 66692/2012 e realizada entre os anos de 2011 e 2015, tendo como cenário uma escola da rede pública de ensino localizada em uma capital do nordeste brasileiro. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, longitudinal e cunho etnográfico.

Cabe informar que a observação participante é parte essencial da etnografia, e os registros são feitos pelo pesquisador por meio de diários de campo e/ou retrospectivo e notas de campo. É importante ressaltar a importância destes como um instrumento pessoal que pode ser utilizado pelo pesquisador como um instrumento que lhe possibilita tomar distância do campo estudado. O diário de campo deve ser escrito com informações que o pesquisador julgue pertinente e de acordo com sua visão sobre o acontecimento em questão, de forma a lhe permitir avançar em seu trabalho, repensando questões previamente estabelecidas, levantando questões até então não pensadas e fazendo-o progredir em suas interpretações sobre sua pesquisa<sup>13</sup>.

Portanto, na realização desta pesquisa, os registros foram gerados a partir das notas de diários de campo e diários retrospectivos da pesquisadora,

que frequentava as escolas semanalmente, por um período médio de duas horas e meia. E aqui, serão expostos excertos relativos a diferentes situações vividas na escola, que permitem inferir as expectativas de profissionais da educação em relação a atuação do fonoaudiólogo educacional.

A análise dos dados foi, didaticamente, dividida em duas etapas: 1) Leitura e análise dos diários de campo; 2) Realização de interpretações, relacionando os dados das percepções obtidas no estudo, registradas nos diários de campo, com as questões e o referencial teórico que fundamenta a pesquisa.

## Resultados

### *Concepções sobre a atuação fonoaudiológica*

O excerto 1 diz respeito a uma das primeiras conversas da fonoaudióloga realizada com a coordenadora do ensino fundamental I daquela instituição, e seus desdobramentos.

#### *Excerto 1*

*...A coordenadora do ensino fundamental me informou que durante a reunião semanal, quando falaram a respeito de nossa atuação na escola, as professoras ficaram de fazer uma lista dos alunos que precisam de acompanhamento para me entregar. Perguntei se poderia conversar com estas profissionais, e ela informou que eu ficasse à vontade, pois elas já estavam esperando que isso acontecesse. Ao chegar em algumas salas, as professoras me informaram o nome dos alunos que de acordo com elas, tem dificuldades de aprendizagem. E, ao chegar em um dos 3º anos, a professora me disse: “ah, não preciso de fono não, aqui não tem ninguém especial”.*

Diário de campo da pesquisadora, agosto 2013.

A seguir, o excerto 2 também diz respeito a uma das visitas realizadas à escola, no ano de 2015. Esta visita tinha por objetivo saber como estava o acompanhamento de uma criança considerada com dificuldades de aprendizagem, para a qual já havia sido solicitado acompanhamento fonoaudiológico em 2013, que na época não pode ser realizado por falta de vaga na instituição parceira.

#### *Excerto 2*

*Após explicar o motivo de minha visita a escola e conversar, tanto com a coordenadora do 5º ano,*

*quanto com as professoras de sala de aula, e com a responsável pelo Atendimento Educacional Especializado, pude observar que o anseio da escola continua o mesmo: encontrar atendimentos especializados que pudessem auxiliar na aprendizagem da criança. Ao sair da escola, já dentro do meu carro, a coordenadora do 5º ano me aborda e pergunta se eu consigo “encaixar” M. nos atendimentos realizados na clínica-escola da universidade. Expliquei que posso ver como está a fila de espera para avaliação, mas que existe a dificuldade da mãe da criança não conseguir levá-lo no contra-turno nem para realizar avaliação fonoaudiológica, nem para atendimento, caso seja necessário. A coordenadora me diz que eu tente no turno em que a criança estuda mesmo, pois como é só um dia, ela dá um jeito para ele faltar, fala com as professoras dele.*

Diário de campo da pesquisadora, abril de 2015.

O excerto 3 contempla uma cena que ocorreu durante o processo de diagnóstico institucional em uma escola. Nela, os pesquisadores dialogaram com a professora da sala regular e com o intérprete de LIBRAS-português que a auxiliava.

#### *Excerto 3*

*Em uma das turmas de 4º ano, a professora nos informou que gostaria de conversar conosco e chamou o intérprete responsável por aquela sala para participar da conversa. A professora referiu que algumas vezes se sente insegura para realizar as atividades relacionadas aos surdos, e que por isso o intérprete a ajudava, perguntou se e como nós poderíamos orientá-la. O intérprete, no entanto, durante a conversa, em diversos momentos se mostrou incomodado com a presença da equipe de Fonoaudiologia na escola. Perguntou o que nós pretendíamos fazer na escola, e afirmou que os alunos surdos do 4º ano já realizam atendimento fonoaudiológico em um serviço especializado. Segundo ele, “eles já vão pra fono, mas é para oralizar. Por que a parte do fono é fazer eles falarem, né?” e na escola, não havia tempo para isto, pois tinha que ser trabalhada a LIBRAS. Expliquei que nosso trabalho ali é diferente do realizado na clínica, mas o intérprete seguiu relutante e me pede para que eu leve um projeto para que ele entenda qual nosso propósito na escola.*

Diário de campo da pesquisadora, agosto 2013.

## Discussão

Os dados expostos nesse estudo, de maneira geral, podem indicar primeiramente, que ainda há dúvidas por parte dos profissionais da educação a respeito da atuação do fonoaudiólogo em escolas. Provavelmente, um dos fatores que influenciam e resultam nesta dúvida é o fato da atuação fonoaudiológica em escolas na cidade pesquisada ainda ser considerada recente e discreta<sup>12</sup>, já que no serviço público apenas uma fonoaudióloga (contratada como técnica pela prefeitura) é responsável por atender a demanda de toda a rede municipal de ensino. Além disto, é possível observar, principalmente nos trechos em destaque dos excertos 1, 2 e 3 que, comumente, os profissionais da educação relacionam o fazer fonoaudiológico em escolas com a prática clínica, e tendem a reduzir o público-alvo de atuação do fonoaudiólogo em instituições de ensino às crianças que tenham dificuldades de aprendizagem e/ou diagnósticos médicos comprovados por laudo. Nesse sentido, pode-se afirmar que naquela escola, o fonoaudiólogo educacional geralmente é visto e representado como o profissional que trabalha com crianças “especiais”, como afirmar a professora na porta de sua sala.

Aqui, convém refletir que “historicamente, o trabalho do fonoaudiólogo na escola esteve voltado a orientações aos professores ou a intervenções após a detecção de problemas, visando contribuir para um melhor aproveitamento escolar”<sup>13</sup>. Nesse sentido, pode-se inferir que a representação dos profissionais daquela escola, pode estar embasada na atuação que, geralmente, é realizada por estes profissionais na escola e pelos conceitos pré-estabelecidos pelos professores a respeito do fonoaudiólogo educacional. Assim, com base no discurso técnico da reabilitação, na perspectiva da assistência à criança com deficiência, “as intervenções do fonoaudiólogo na escola geravam adaptações que funcionavam como currículo paralelo, guiavam-se pela premissa da reabilitação clínica e, desse modo, não focalizavam as competências e os potenciais da criança”<sup>13</sup>.

Esta representação se repete no excerto 2, somada ao fato de que, naquela escola, os profissionais da educação, frequentemente representam o fonoaudiólogo com o profissional responsável pelos encaminhamentos necessários para crianças consideradas portadoras de dificuldade de aprendizagem. Nesse sentido, faz-se necessário refletir

seriamente a respeito da relação que historicamente vem sendo estabelecida entre saúde e educação. Não é incomum escutarmos discursos de professores e coordenadores fazendo referência à determinada criança que já está realizando atendimento especializado, mas que ainda não consegue aprender. Tais discursos, assim como o apresentado no excerto 2, sugerem que a escola tem esperado dos serviços de saúde, a resolução do problema de aprendizagem das crianças que fogem às suas regras. Os serviços de saúde por sua vez, geralmente representados por profissionais com uma formação biologizante e médico-centrada, têm buscado a cura das crianças, ou a máxima de se conseguir que o paciente se aproxime do padrão normal, apesar de suas limitações. Dessa forma, pouco espaço tem sido dado às diferenças e, mais que isso, pouco se tem feito para que esta realidade e estes discursos sejam modificados. A partir disto, propor um trabalho diferenciado, muitas vezes, torna-se dificultoso.

No excerto 3, que traz a conversa com a professora e interprete de LIBRAS do quarto ano com a fonoaudióloga/pesquisadora, mais uma vez é possível constatar a representação do fonoaudiólogo na escola como um profissional que pode contribuir no processo educacional apenas de crianças que apresentem algum laudo médico, nesse caso, de surdez – conhecida área de atuação do fonoaudiólogo. No entanto, é necessário se chamar atenção que o próprio interprete de LIBRAS se sente incomodado com a atuação fonoaudiológica por ter a ideia que o trabalho que o fonoaudiólogo pode realizar com surdos é apenas o de oralização. Assim, pode-se inferir que o intérprete de LIBRAS que atua naquela sala de aula, representa o fonoaudiólogo como o profissional responsável por oralizar os surdos, ou fazê-los falar. Esta representação remete ao fato de que, ser o profissional responsável por fazer o surdo falar, significa também ser o profissional responsável por aproximar os surdos do padrão considerado e aceito como “normal”. Assim, o fonoaudiólogo acaba sendo representado como um dos profissionais que contribuem para o processo de medicalização da surdez e da educação – mais uma vez. Este tema deve ser discutido por ser caracterizado<sup>14,15,16</sup> pelo não respeito às diferenças linguísticas e culturais do surdo, e pelas tentativas de invisibilizá-las, por meio, por exemplo, da oralização desses sujeitos, para que estes tornem-se mais próximos dos ouvintes.

É válido observar que, em nenhuma das opções acima, o fonoaudiólogo é representado como profissional parceiro da escola, que atua de maneira a horizontalizar as relações existentes entre saúde e educação. Distante disso, este profissional, geralmente, é visto como responsável ou que se relaciona com aqueles que desviam do padrão idealizado pela escola e historicamente aceito com normal ou ideal por esta instituição. Nesse sentido, é possível considerar que a relação entre saúde e educação, historicamente verticalizada, ainda está presente naqueles que fazem a educação na escola focalizada. Uma interpretação que pode decorrer daí é que, pelo menos, em um primeiro momento, esses profissionais da educação esperaram do fonoaudiólogo educacional a “cura” ou a solução para as especificidades existentes no processo de aprendizagem, principalmente quando estas estão relacionadas à comunicação, objeto de conhecimento de minha área de atuação<sup>17,18</sup>.

As escolas são consideradas pontos das redes de atenção à saúde, que são arranjos organizativos de ações e serviços de saúde que buscam garantir a integralidade do cuidado<sup>19</sup>. Desse modo, a realização de práticas essencialmente curativas contribuem pouca para essa nova lógica de organização dos serviços e ações de saúde. Um trabalho voltado à busca pela integralidade do cuidado deve considerar os aspectos sociais, educacionais, culturais, econômicos, ambientais, entre outros, que se relacionam com a saúde e aprendizagem dos escolares. Um fonoaudiólogo sensível a essa realidade possuirá um leque de possibilidades de atuação no ambiente escolar.

### Considerações finais

Neste estudo, observa-se que a (re)aproximação de profissionais de saúde do campo da educação, aqui representada pela presença e atuação do fonoaudiólogo educacional nas escolas, muitas vezes, parece reforçar as práticas higienicistas ainda hoje presentes na escola – mesmo que sob o disfarce da inclusão. Aqui, pode-se concluir que na instituição que foi cenário desta pesquisa, o fonoaudiólogo educacional, é representado pelos profissionais da educação daquela instituição como a) aquele somente atua com crianças com necessidades especiais ou com crianças portadoras de dificuldade de aprendizagem e b) o profissional deve atuar clinicamente na identificação, diagnóstico,

encaminhamento e/ou e reabilitação das crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem.

O que pode ser observado é que, provavelmente, devido ao lugar ocupado na escola pelos fonoaudiólogos educacionais ao longo do tempo, e às práticas essencialmente biologizantes realizadas por eles durante sua trajetória na escola, os profissionais de educação ainda parecem enxergar o fonoaudiólogo que atua em escolas como agente de “cura”.

Nas escolas em questão, ainda é comum relacionar a atuação desse profissional com crianças que por alguma razão apresentam dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. E mesmo quando se propõe um trabalho que fuja do tradicional e historicamente apresentado por fonoaudiólogos, alguns discursos ainda demonstram que existe o anseio pelo encaminhamento da criança para o setor da saúde ou pela atuação clínica do fonoaudiólogo na escola.

Portanto, diante dos registros analisados, entende-se que a escola não tem criado condições de possibilidades para se pensar a alteridade<sup>20,21</sup>. Além disto, é comum encontrarmos práticas que apagam, silenciam e obscurecem quaisquer diferenças que circulam na escola. Assim, têm-se privilegiado o desenvolvimento de diferentes estratégias de normalização para trazer “o outro” - (o diferente) - mais próximo possível do comum, do padrão aceito como ideal. As autoras afirmam que agindo desta maneira, a instituição escolar acaba por (re)inventar a normalidade, principalmente por meio de suas práticas pedagógicas engessadas e a-críticas.

Práticas baseadas em uma concepção reducionista de sujeito, de saúde e de linguagem reforçam também a visão e as representações que aqueles que fazem parte da escola têm do profissional de saúde. No caso do fonoaudiólogo, sua atuação em escola tem sido constantemente relacionada à presença de alunos com necessidades educacionais especiais nas salas de aula.

No entanto, é importante salientar que, por seu perfil profissional, o fonoaudiólogo tem muito a contribuir, não só para a criação de espaços coletivos de interação de saberes e práticas necessárias à educação inclusiva, mas também para a superação de barreiras comunicacionais e a articulação de ações integrais de saúde e educação da criança<sup>13</sup>. Cabe, ainda, destacar outra capacidade profissional do fonoaudiólogo nesse campo, que é o apoio para a construção e consolidação de relações de trabalho

que favoreçam o reconhecimento das potencialidades de todos os atores presentes nos processos de inclusão (criança, família e profissionais).

Nesse sentido, o fonoaudiólogo que atua em escolas tem se empenhado na construção de sua identidade como profissional voltado à promoção da saúde, a fim de legitimar sua atuação na equipe escolar<sup>22,23</sup>. Assim, pode-se sugerir ainda que as propostas de atuação do fonoaudiólogo na escola que vêm obtendo sucesso são aquelas que objetivam a parceria entre fonoaudiólogo com os profissionais da escola.

## Referências

- Berberian, AP.; MASSI, GA . Repensando a vinculação entre fonoaudiologia e educação. *Distúrbios Comun*, 1998, 10(1), p. 39-44.
- CRFa. Fonoaudiologia na Educação: políticas públicas e atuação do fonoaudiólogo. Conselho Regional de Fonoaudiologia 2ª região. 2010.
- Conselho Federal de Fonoaudiologia. Resolução n. 309: Sobre a atuação do fonoaudiólogo na educação infantil, ensino fundamental, médio, especial e superior. *Diário Oficial*, Brasília, 01 de abril de 2005.
- Ministério da Saúde (Brasil). Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. As Cartas da Promoção da Saúde. 2002.
- Penteado RZ. Escolas promotoras de saúde: implicações para a ação fonoaudiológica. *Fonoaudiologia Brasil*. 2002;2(1): 28 - 37.
- Penteado RZ, Servilha EAM. Fonoaudiologia em saúde pública/coletiva: compreendendo prevenção e o paradigma da promoção da saúde. *Distúrbios Comun*. 2004;16(1): 107-16.
- Pelicioni MCF. Educação em saúde e educação ambiental: estratégias de construção da escola promotora da saúde. (Tese de Livre Docência) Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Departamento de Política de Saúde Pública, São Paulo, 2000.
- Conselho Federal de Fonoaudiologia. Resolução n. 387: Sobre as atribuições e competências do profissional especialista em Fonoaudiologia Educacional reconhecido pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia, *Diário Oficial*, Brasília, 18 de setembro de 2010.
- Lima ILB, Figueiredo LC, Lucena BTL, Delgado IC. Contribuições da realização do diagnóstico institucional para a prática fonoaudiológica nas escolas. *Distúrbios Comun*. 2015, 27, p. 213-24.
- Bortolozzi, K. B.. Fonoaudiologia e Educação: a constituição de uma parceria responsiva ativa. *Distúrbios Comun*, 2014, 26, p. 427.
- Figueiredo LC, Serafim IF, Abreu M J. A relação entre Fonoaudiologia e Educação na cidade de João Pessoa. In: 20º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2012; Brasília. Anais do 20º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, 2012.
- Carnio MS, Berberian AP, Trenche MCB, Giroto CRM. Escola em tempo de inclusão: ensino comum, educação especial e ação do fonoaudiólogo. *Distúrbios Comun*. 2010, 24,p. 249-56.
- Skliar C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- Silva, IR. Quando ele fica bravo, o português sai direitinho; fora disso a gente não entende nada: o contexto multilíngüe da surdez e o (re)conhecimento das línguas no seu entorno. *Trabalhos Ling Aplic* , 2008. 47, p. 393-407.
- Bittencourt ZZV, Mendonca FB ; Silva, IR . O que ele vai ser quando crescer? Expectativas de pais de crianças surdas. *Medicina (Ribeirão Preto)*. Online, 2011, 44, p. 185-94.
- Giroto CRM, Felisberto LTS, Ghendini SG. Inclusão e medicalização da aprendizagem. *JORSEN*. 2010,16(1). 625-9.
- Giroto CRM, Castro RM. A formação de professores para Educação Inclusiva: alguns aspectos de um trabalho colaborativo entre pesquisadores e professores da educação infantil. *Rev Bras Educ Especial*, 2011, 24 (41), 441-2.
- Ministério da Saúde (Brasil). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Núcleo de Apoio à Saúde da Família / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério, 2014.
- Lockmann K; Klein M; Henning, PC . Educação Inclusiva: dispositivo de normalização da alteridade surda. *Cad Educ (UFPE)*, 2008, 31, p. 249-67.
- Figueiredo, LC, Guarinello AC. Literatura infantil e multimodalidade em contexto de surdez: uma proposta de atuação. *Rev Bras Educ Especial*, 2013, 26 (45), p. 175-93.
- Calheta PP. Reflexões sobre a assessoria fonoaudiológica na escola. *Distúrbios Comun*, 2005, 17, p. 225-32.
- Giroto CRM. *Perspectivas Atuais da Fonoaudiologia na Escola*. 1ª. ed. São Paulo: Plexus Editora, 1999.
- Sanabe Júnior G, Guarinello AC, Santana AP, Berberian AP, Massi G, Bortolozzi KB, Farinha S. Visão dos graduandos do curso de fonoaudiologia acerca da fonoaudiologia educacional a partir de suas experiências teórico-práticas. *Rev CEFAC*. 2016 18(1), p. 198-208